



NÃO PERCA O XIII ENCONTRO

Dia 26 de Agosto

O ENCONTRO DA DIGNIDADE



Faça sua adesão agora! Acesse o link: <http://177.103.223.197/echus/>

**A Dignidade, fruto de nossa formação,
nos trouxe de volta para agradecer.**

Amigos, daqui a poucos dias estaremos juntos à sombra do nosso Seminário do Ibaté, unidos num só coração e numa só alma, para celebrar a DIGNIDADE e elevar o nosso hino de gratidão ao Deus de nossa juventude, sob as bênçãos e o olhar da Mãe Imaculada. Este ECHUS é o ato de convocação para o dia 26 de agosto. Será um dia inesquecível. "VINDE E VEDE". Esperamos você e seus familiares lá!

Hospedagem

Caso o colega, com seus familiares, que for ao nosso XIII Encontro no dia 26 de agosto, queira pernoitar no Seminário do Ibaté da sexta para o sábado e/ou do sábado para o domingo, deverá providenciar a reserva com o SR.DIRCEU (11) 99941.8783 ou SRA.KERLA (11) 97354.8975, emails ibate60@gmail.com ou dirmitra@hotmail.com. Lembramos que em caso afirmativo o interessado deve levar roupa de cama, banho, travesseiro e cobertor. Não há café da manhã ou qualquer outra refeição e o preço é de R\$ 15,00 (quinze reais) por pessoa por pernoite. Maiores informações nos telefones acima.

Existe, também, a opção para quem quiser ficar em hotel na cidade de São Roque:

- São Roque Parque Hotel Tel. (11) 4712.3121 www.srparkhotel.com.br
- Hotel Cordialle Tel. (11) 4784.9500 www.hotelcordialle.com.br
- Hotel Villa Maior Tel. (11) 4713.1015 www.hotelvillamaior.com.br

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Paulo Francisco Toschi*



A Segunda Guerra Mundial, travada na Europa, acabou no dia 8 de maio de 1945, quando foi assinado o armistício. Depois disto, já derrotados os italianos e os alemães, ainda continuou havendo luta com os japoneses, até que Hiroshima e Nagasaki foram bombardeadas com artefatos nucleares e os orientais se renderam.

O mundo inteiro vivia um clima de grande expectativa, esperando a rendição do "Eixo", nome dado à coligação dos três países principais envolvidos no conflito com os "Aliados".

O Brasil era um desses "Aliados", de forma que tivemos um Corpo Expedicionário lutando na Itália, integrando uma divisão do Exército Americano, junto com tropas de outros países, como a Austrália, por exemplo.

Várias foram as motivações para a entrada do Brasil na guerra mundial. Éramos fornecedores de alimentos aos aliados e nossos navios mercantes começaram a ser torpedeados pelos nazistas, nas costas do Nordeste. Nosso Presidente, Getúlio Vargas, estava indeciso sobre o partido a tomar, tendo demonstrado certas simpatias com os governos fascistas de Mussolini e de Hitler, o que representava um perigo para os Estados Unidos, que teriam forçado uma tomada de posição do Brasil junto com os "Aliados". Pesava ainda mais, no empenho dos americanos, o fato de o Presidente da Argentina, Perón, ter ideias muito semelhantes às de Vargas. Por último, o Brasil era um caminho estratégico para a travessia do oceano pelos aviões norte-americanos, rumo à África. Para facilitar essa travessia, os Estados Unidos construíram uma importante base aérea no Rio Grande do Norte.

Lembro-me da partida dos Expedicionários e assisti ao seu regresso ao país, após a Vitória. Um dia, fui com meu pai ver um desfile no Vale do Anhangabaú, onde os soldados, diferentemente do que acontecia sempre, se apresentaram com uniformes de campanha, como se estivessem embarcando para a Guerra. Ouvi até umas pessoas, perto de mim, no palanque, dizerem que os soldados, do desfile, iriam direto para o porto de Santos, tomar o navio que os levaria ao Rio de Janeiro, de onde partiriam para a Europa. Provavelmente, não era verdade, mas, tais palavras causaram impacto e ficaram muito bem

gravadas em minha memória de menino com menos de 7 anos. Junto com os soldados, desfilaram muitos muare, com pesadas cangalhas e armamentos nas costas. Será que o Brasil levou burros e mulas para a Segunda Guerra Mundial? Dizem que o Brasil não estava muito bem preparado para a campanha na Itália e que, lá chegando, os soldados tiveram que ser aparelhados pelo Exército Americano, pois, do contrário, com a roupa e comida que haviam levado, não iriam suportar os rigores do inverno europeu. Contudo, nossos soldados foram valorosos e muitos atos de bravura ficaram registrados. Quando eu servi o Exército, em 1956, em Quitauna, ao lado da minha Companhia, que era a Quarta, ficava o quartel da Quinta Companhia, cujo comandante era o Capitão Mendonha. Esse homem, que fazia questão de usar o uniforme antigo do Exército, com largos suspensórios, chegou ao posto de Capitão, sem nunca ter cursado a Academia de Agulhas Negras. Foi promovido por bravura porque, durante a Segunda Guerra Mundial, com um único Pelotão, por ele comandado, encurralou e prendeu um significativo contingente do Exército Alemão, o que, no desenrolar dos combates que se seguiram, entre brasileiros e alemães, acabou obrigando a rendição de toda uma Divisão nazista. Também conheci, em Quitauna, o Sargento Vicente, o corneteiro que, em Monte Castelo, com o "toque de vitória", marcou a conquista daquela importante fortaleza alemã pelo Exército Brasileiro. A História conta outras importantes atuações dos bravos brasileiros que lutaram na Itália, junto com as tropas aliadas.

Embora menino, eu acompanhava com atenção os fatos relacionados com a Guerra. Quando começaram a chamar os pracinhas para integrarem a Força Expedicionária Brasileira, a FEB, os jornais publicavam as listas dos "convocados". Lembro-me de minha avó Aurora, com grande preocupação, de pé, no meio da sala, lendo um jornal que segurava aberto, uma mão na beira de cada folha, para saber se algum dos seus netos mais velhos estava incluído na lista. Seu pai fora um combatente da Guerra do Paraguai. Seu marido, Vovô Chico, tinha pai militar e avós gaúchos, que colecionavam medalhas ganhas pela sua participação nas famosas refregas sulinas. Mas, Dona Aurora queria seus netos bem juntos de sua saia, nada de guerra. Já bastavam os filhos, genros e sobrinhos dela, que lutaram na Revolução de 1932.

Outra lembrança minha, bem viva, eram as notícias sobre a bomba atômica. O jornal publicava, junto com as matérias sobre a Guerra, o símbolo do átomo, aquelas elipses entrelaçadas. Eu não sabia direito o que significava, mas tinha muito medo, quando via aquele desenho. Um dia, anunciaram que iria ser feito um teste atômico, pelos



Símbolo da FEB

Estados Unidos. Creio que foi o teste no deserto de Nevada e não aquele no atol de Bikini, que deu nome à linha de diminutos maiôs femininos de duas peças. Os repórteres diziam que alguns físicos previam que a Terra poderia rachar em dois pedaços, o que seria o fim do mundo. Fiquei muito preocupado, sem raciocinar que, se existisse esse perigo, o teste não teria sido programado. No momento da explosão, uma cadeia de rádio, estabelecida para acompanhar a evolução da prova, ao longo do mundo, ia transmitindo notícias de vários países. Achavam que o efeito da bomba iria se propagar de país em país e queriam saber em que resultaria o experimento. Naquele tempo, não havia rádios portáteis. Acompanhei as transmissões da sala de jantar da casa de minha avó.

Perto de minha casa havia um empório, cujo dono era um português, muito querido de todos, graças às camaradagens que fazia, vendendo fiado. Um dos filhos do vendeiro foi convocado para a Guerra. Embarcou para o Rio de Janeiro e já estava no navio, quando recebeu um telegrama, informando que sua mãe havia morrido. Era mentira. Voltou para São Paulo e deixou de partir para a Europa. Quando sua artimanha foi descoberta, foi preso, passando no xadrez mais tempo do que durou a participação brasileira na Guerra.

O esforço de guerra compreendia uma campanha de arrecadação de ferro velho, para a confecção de armas e equipamentos. O vendeiro português montou um posto de coleta. Meus pais, mais que depressa, doaram um carrinho de lata que eu tinha, desses de entrar dentro e pedalar, do qual eu gostava muito. Meu pai sempre se implicou, pelo perigo que o brinquedo poderia representar para mim (não havia perigo nenhum, mas o papai era assim mesmo). Gostou da oportunidade de ter um bom motivo para se desfazer do meu carrinho de lata. Fiquei muito triste. No dia seguinte, o filho do português passeava pela calçada do outro lado da rua, satisfeitíssimo. Fiquei assistindo o meu carrinho desfilar, com os olhos cheios de lágrimas.

Todos os inconvenientes da guerra eram uma grande diversão para as crianças. Eram emocionantes os comunicados do Repórter Esso, "trazendo as últimas notícias da United Press". Como não havia televisão, o rádio ficava ligado praticamente o dia todo. Não havia rádios portáteis. Muitos, além de ficarem ligados à tomada da parede, ainda precisavam de uma antena, que podia ser um fio comprido. Em ondas curtas, era possível sintonizar a Rádio de Berlim, a Voz da América, a BBC de Londres e muitas outras emissoras internacionais, que transmitiam em várias frequências, ao mesmo tempo, tendo horários em

inglês, em português, em espanhol, etc.

Os alemães fabricaram as bombas V 2, as precursoras dos mísseis, e, também, os dirigíveis Zepelins ou blimpes. Lembro-me de ter visto um sobrevoando São Paulo, em um dia à tarde, logo após o almoço. Seria alemão? Talvez, pois, antes de o Brasil declarar guerra ao Eixo, houve, sim, visitas de aparelhos do tipo ao nosso país. Durante o conflito, a nossa Aeronáutica, diariamente, sobrevoava a cidade de São Paulo, com esquadrilhas em formação de combate, treinando para a luta. Não eram os aviões a jato, os Gloster Meteor, que só chegaram ao Brasil após a Guerra. Lembro que, inclusive, aviões teco-teco ficavam rondando a cidade, muitas vezes em grupos.

À noite, com frequência, eram realizados os "blackouts", ficando a cidade às escuras, ninguém podendo sair de casa, enquanto um avião, com luzes na ponta das asas, sobrevoava os vários bairros, transmitindo pelo rádio os defeitos que encontrava no exercício. Esses voos à noite eram absoluta novidade, pois os chamados "voos cegos" da aviação comercial somente foram introduzidos após a Guerra. Colocávamos folhas de cartolina cobrindo as "bandeiras" das portas e os vidros das janelas, para não deixar transparecer nenhuma luz. Meu pai jantava com

uma pequena lâmpada colocada em baixo da mesa. Lembro-me do avião, pelo rádio, informando que, na Casa Verde, uma moradia não estava observando o blecaute e que seria "bombardeada" com o conteúdo de um saco de areia, que o avião iria



FEB Regresso da Segunda Guerra

despejar sobre a mesma, como parte do exercício civil-militar. Em uma outra ocasião, meu tio resolveu sair de casa, na hora do blecaute, para fazer uma visita ao cunhado, que morava a poucos metros de sua casa. Foi pego pelo pessoal da Cruz Vermelha, que também estava treinando, enfiado em uma ambulância, e teve que se submeter a uma injeção (de glicose?) na veia, como se fosse um ferido em combate.

Havia diversas medidas de segurança, para evitar ações do inimigo. Os automóveis que, naquela época, em geral, eram pretos, tinham que pintar uma faixa branca, de uns 10 centímetros de largura, dando volta em toda a sua extensão, logo abaixo das janelas, para ser vista durante o blecaute, por quem estivesse trafegando. Os vidros dos faróis tinham que ser pintados de azul escuro, com uma pequena fresta no meio, deixando passar um tênue fecho de luz branca. Em Santos, na avenida da orla da praia, todas as lâmpadas dos postes da iluminação pública eram pintadas de preto, na parte que se voltava para o mar, para que os navios, ao largo, não tivessem melhor vista da cidade. Lembro-me de um dia, durante um blecaute, em

Recife, quando a Radio de Berlim, transmitindo em português, em programa especial de propaganda de guerra dirigido aos brasileiros, ia apontando todas as falhas do exercício. Isto, contado hoje, parece não ter muita importância, dadas as maravilhas atuais do mundo das comunicações. Mas, naquela época, quando não havia satélites e o rádio usava as ondas curtas, quando não havia internet e os espões nazistas tinham que transmitir os dados a Berlim usando precários transmissores, o acompanhamento do blecaute em Recife, pelos alemães, em tempo real, lá de Berlim, era verdadeiramente uma proeza e uma demonstração de superioridade tecnológica, para intimidar os brasileiros. Espões nazistas observavam as falhas, transmitiam para Berlim, possivelmente em linguagem telegráfica cifrada, e a emissora oficial alemã, imediatamente, apontava as falhas, transmitindo pelo rádio, em português.

Perto da minha casa ficava a Escola Preparatória de Cadetes do Exército, onde, hoje, funciona uma ala administrativa do Hospital Sírio Libanês. Além dos alunos e seus professores, havia um pequeno contingente militar, cujos soldados eram incumbidos, dentre outras coisas, de tomar conta das instalações da Light, na Rua Augusta, para evitar sabotagens. Os que iam servir como sentinelas vinham marchando, desde a Escola de Cadetes, até o prédio da subestação da Light, passando pela porta da minha casa, na Rua Peixoto Gomide. Em fila-de-um, caminhavam pela sarjeta, com seus uniformes de campanha, mochilas, fuzis, capacetes de aço e um grosso volume de tecido verde, mais parecendo lona de barraca, enrolado, formando uma espécie de pneu, que era enfiado a tiracolo. Eu e os demais meninos não perdíamos a oportunidade de marchar ao lado dos soldados, pela calçada, cantando:

Marcha soldado, Cabeça de papel, Se não marchar direito, vai preso pro quartel.

Meu avô tinha uma alfaiataria de prestígio, na Praça do Patriarca. Ficava no segundo andar do prédio; suas janelas, que davam para a praça, tinham pintada, com letras bem grandes, a marca da empresa: "Toschi & Maruggi". A polícia obrigou meu avô, que, a essa altura, era um brasileiro naturalizado (por título declaratório, como ele gostava de ressaltar), a tirar o seu nome dos vidros das janelas, porque era de origem italiana. Assim, também, a Casa Alemã teve que passar a se chamar Galeria Paulista de Moda, o Mappin passou a ser Casas Anglo Brasileiras, o Palestra Itália mudou para Palmeiras, o Speria passou a se chamar Clube Floresta e muitos outros estrangeiros ou filhos de estrangeiros foram constrangidos.

Na escola, as crianças aprendiam músicas com

motivação militar:

***Sou soldado do Brasil, Tenho um cofre com dinheiro,
Vou comprar um bom fuzil, Ra-ta-plam, plam, plam.***

***É no Brasil que você mora? Se não gosta desta terra,
Diga adeus e vá-se embora, Ra-ta-plam, plam, plam.***

***Já comprei o meu fuzil, Até logo, vou pra guerra,
Defender o meu Brasil, Ra-ta-plam, plam, plam.***

Um dia, correu o boato falso de que a Guerra havia acabado. Era noite. O rádio pedia que todos saíssem às ruas, que acendessem todas as luzes, tocassem as buzinas, repicassem os sinos, em comemoração ao final do conflito. Era engano. Talvez tenha sido a Itália, isoladamente, capitulando. Poucos minutos depois, o "Repórter Esso" divulgou o desmentido. Passaram-se mais alguns meses, até que a Guerra acabasse, de verdade. Nova euforia festiva, é claro.

A volta dos Expedicionários foi emocionante. Um tio meu morava na Vila Helena, a poucos metros do local onde hoje está construído o Shopping Ibirapuera. Na época, era um bairro afastado e, não tendo gasolina, ficava muito difícil a locomoção das pessoas para o trabalho. Tentaram usar o gasogênio, um par de fogareiros, em forma de tubos, que eram instalados na traseira do veículo e queimavam carvão coque, expelindo um gás que deveria mover

o motor do automóvel. Faziam uma grande sujeira e, a cada dez quarteirões, mais ou menos, a pessoa tinha que descer para cutucar o braseiro, pois os resíduos entupiam a tubulação e o engenho parava de funcionar. Em razão desses contratempos, mudou-se provisoriamente para um apartamento na Avenida São João, no Edifício Abreu Sodré, um prédio que, na época, era luxuoso e que, hoje, é um verdadeiro pardieiro, escondido sob o Minhocão, que um certo prefeito biônico teve a infeliz ideia de construir.

Foi do apartamento desse meu tio que a família toda assistiu ao desfile de chegada dos expedicionários. Enquanto as tropas iam passando, com soldados, enfermeiras da Cruz Vermelha e outras pessoas que haviam participado da Guerra, aviões sobrevoavam a Avenida São João, em voos rasantes. Eram não só aviões de combate como os comerciais. Lembro-me de um avião da VASP que sobrevoou o prédio tão de perto que tivemos a sensação de que iria raspar o topo do edifício. Na rua, o reencontro feliz das famílias com os seus heróis.

Estas são recordações minhas, do tempo da Guerra Mundial. Eu tinha menos de oito anos de idade, mas, lembro-me com emoção e com saudades desses fatos todos.



O INCONFORMISTA

"Quid profuit mihi nasci?" (Ovídio)

Letterio Santoro*



- "Ah, ah, ah, ah, ah! Então casar-me-ei com a próxima, e serei muito feliz na minha vida?! Ah, ah, ah, ah, ah!"

.....
A última vez que vi o amigo Teodoro foi no baile que a Faculdade promoveu. Todo de preto, bem escanhado, deliciando-se com seu chope. Achei-o até bem humorado. Os olhinhos fulgiam-lhe de uma ebbriedade doméstica.



Dançou como cavalheiro. E animava as rodinhas com patacoadas filosóficas. Uma colega, dada a quiromante, meteu-se a ler-lhe o futuro com uma precisão de cigana. Em cada linha da mão, uma mensagem. Em cada cruzamento, um mistério. Eu, sentado burguesamente a uma mesa, ria-me da bela sibila que devassava os arcanos inconfessáveis de Teodoro. E foi aí que o amigo riu às catadupas.

Teodoro era cético em coisas de felicidade. Não acreditava na felicidade porque não a tinha. E duvidava dela nos outros. Eu era quem mais lhe praticou a intimidade. Conhecia-o o suficiente para lhe compreender a gargalhada larga daquela noite. Mas, se agora o meu Teodoro era cético, não o fora sempre. Acompanhei-lhe os passos desde os dias de Colégio. Ali vivemos juntos, anos e anos da vida. Desde as peraltices enervantes da adolescência até a metafísica abstrata de nossa juventude. Que de aventuras não passamos entre a multidão diversificada dos companheiros. O Colégio era o microcosmo monolítico e seguro onde vivíamos abundantemente sob o signo da unidade. A diversidade aparente apenas manifestava diversamente o pensamento único, o sentimento único que tomava o Colégio. Uma única vontade dirigia tudo. E todos, afinal, buscavam o mesmo Sacerdócio.

Perdido nos silêncios da distância e da contemplação, o Colégio continuava no tempo uma pequena idade média extemporânea e austera. Vivia-se ali a plenitude deliciosa da verdade. O dogma nos convencia mais fortemente que a fatuidade experimental da ciência. Todos eram da mesma Fé. Todos tinham a mesma Esperança. Amavam-se todos sob as ordens do mesmo Deus. A fraternidade conquistava as vontades mais duras. Entre as bênçãos libérrimas de Deus a pequena comunidade concretizava, a seu modo, e maravilhosamente, o ideal histórico de um santo império. E, quando olhávamos para o mundo com o binóculo casto da evidência, impeliavam-nos ardores apostólicos primitivos.

A sociedade perfeita em que vivíamos era para nós o protótipo evidente da sociedade de fora. A sociedade de fora encarnava a apoteose desconhecida do mal. E era ali que lançaríamos depois a salvação que transformaria o mundo. Uma despreocupação evangélica dos bens assegurava-nos a ataraxia absoluta em todas as virtudes. Vivíamos na terra para o céu. Era a idade média. Uma idade-média de veracidade e de autenticidade. Entre os muros do Colégio

apedrejava-se a mentira como a prostituição da verdade. O hipócrita era proscrito. Suportava-se-o apenas. Ainda sob as exigências acidentais dos avisos corria a exigência evangélica do "sim, sim: não, não". O espírito não era a purificação inconcebível da matéria. O espírito era o senhor da matéria. Dominava-a e dirigia-a com a austeridade puritana de seu direito. Sobre tudo a paz interna. A alegria dos cantos, e dos jogos, e do estudo era o transbordamento delicado e abundante de uma união maravilhosa de vontades. A preocupação material da subsistência provia-a o bom Deus por sua providência cotidiana e escondida.

As vontades complexas da adolescência concretizavam-se na diversidade inesperada das realizações. Cada época do ano tinha suas novidades. Os tempos de exames moderavam-se com a ponderação equilibrada do raciocínio e das diversões. Com o frio vinham as corridas. As festas preparavam-se com a apoteose cuidada dos cantos e do teatro. Depois, as férias. Oh, as férias!... Que saudade dos pais lá longe. E, já à saída, que saudades do Colégio! Lá se ficava o velho Colégio, enquanto o víamos ainda nas curvas da estrada...

.....
Veio a Filosofia. A Filosofia era a vivência mais racional das antigas verdades aprendidas. Aí descobrimos a liberdade. A teocracia pseudocalvinista de antes começou a ceder a uma democracia de vida mais exigente. E veio a crítica. Despontava a juventude. Em cada afirmação via-se com olhos vesgos a suposição dogmática de uma tese. Lembra-me do Teodoro de então. Idealista e dinâmico. Buscava a todo custo a integração das divergências educacionais. Porque na Filosofia é que se

Nunca se protele o filosofar quando se é jovem, nem canse o fazê-lo quando se é velho, pois que ninguém é jamais pouco maduro nem demasiado maduro para conquistar a saúde da alma.

Epicuro

PERIGOSO



dava a simbiose existencial de muitas convicções. As convicções corriam necessariamente com as águas mais claras ou mais turvas da educação recebida. Descobrimos então que a vida de nossas antigas convicções não ia além de uma interrogação de agonia. As diversas mentalidades do Colégio batiam-se em desespero de subsistência. Os tímidos do puritanismo ortodoxo estrugiam ainda nas ascas semimortas da derrota.

Deu-se o conflito. Abalaram-se as convicções. Venceu muito mais a liberdade responsável. E era de se ver o Colégio todo gozando as inefáveis delícias de um tempo inesperado. Crescia a paz que se manifestava na multiplicidade fecunda da criação. As estruturas estreitas da adolescência cediam quase mortas aos pés de uma ideia nova. Foi aí que nasceu o segundo Teodoro. Persistia, contudo, no Colégio entre a diversidade complexa dos acidentes e a unidade substancial que não foi quebrada. Sobretudo, o Colégio era ainda monolítico. Todos ansiavam pela mesma coisa. Todos guardavam a sagrada predominância da pessoa sobre os valores secundários do indivíduo. Exigia-se na Filosofia a

mesma veracidade total da adolescência. O interior do homem aqui como lá valia mais que ter a abundância satisfeita da riqueza. E nesse meio tão delicado, tão racionalizado é que viveu o bom Teodoro.

Até que se foi a Filosofia e o meu amigo se descobriu num mundo avesso. Meu amigo e eu. Cada qual tomou seu rumo. Eu me dei às muitas leituras. Teodoro buscou o trabalho. Tornamo-nos a ver na Faculdade. Foi então que lhe pratiquei uma boa e profunda amizade. Uma problemática comum prendia-nos a existência, arrastadamente. Eu cá me tinha ainda nas garras indesejáveis do Preconceito. Teodoro começava a deixar a torre de marfim numa atração de vertigem. Ambos nós nos sentíamos bem de fora, andando às apalpadelas num mundo etéreo, e indefinido, e delicioso mundo interior do Colégio. A adaptação -eis o problema que nos esmagava! A pouco e pouco aparecia a diferença de posição do amigo Teodoro. De temperamento irrequeto e ousado, transpunha imperturbavelmente o mundo dos dois mundos. Eu, meio tímido e aburguesado, buscava sempre o apoio da moderação, na esperança desesperada de uma síntese impossível. Os dois sofriamos. O mundo de agora antolhava-se-nos com a carranca hedionda de um Quasímodo universal. Os valores do Colégio tombavam esmagados sob a mole exultante da Mentira. O Amor por que sonhávamos outrora gargalhava-nos sob a máscara indescritível da Paixão. A autoridade inexistia. Sentíamos em tudo o bodum aviltante do Egoísmo que tempera as mínimas ações dos falsos homens. Pobres ideais! Cada qual de nós escondia em si a concomitância contraditória de auroras e crepúsculos. Cruzávamos os dias sob a repugnância incontida do temor. Entre os desesperos da solidão voltava-se para trás o olhar triste numa frustração saudosa de exilados.

Eu me esbatia doidamente em ânsias abundantes de marujo inepto. O mundo era o caos. O amigo Teodoro arrastava-se ainda com os farrapos esguedelhados da vida antiga. Teodoro perdera a paz. Junto às delícias de um chope noturno com amigos, sorvia a amargura sufocante da consciência. Despertava. Até ali vivera do sonambulismo inerte da inconsciência E ao pé da consciência despontava-lhe dentro a angústia. Contra a injustiça dos homens não havia meios. Os idealismos sociais morriam asfixiados. E o espírito era-lhe mordido, já do remorso do tempo perdido, já da nostalgia dos anos vividos.

Ainda no amor divisava a ironia da derrota. Corria-lhe nas veias a educação puritana da adolescência a gritar contra o sexo, com os punhos fechados da renúncia. Foi-lhe duro arrojar de si o testemunho do preconceito. Para tanto

abandonou as armas da castidade para lutar desesperadamente e quase inconscientemente sob a visão maliciosa da lascívia. Foi sua metamorfose mais completa. As delícias da carne emergiam insatisfeitas do campo abandonado da mortificação. Aos pés desse mundo que tomava, viu tombarem os ideais do Colégio. E SOBRE AS RUÍNAS DE TEU PASSADO MORTO, MEU TRISTE TEODORO, ASSISTIAS AO OCASO LENTO DE TUAS ESPERANÇAS!...

Enquanto isso eu descansava aos ócios despreocupados de meus antigos valores. Deliciava-me no nirvana burguês da mediocridade. Vivia da sinuosidade arrastada do invertebrado. Percebia, porém, que o câncer da insatisfação existencial carcomia o meu amigo. Condoia-me dele. Afastava-se ultimamente. Via-se-lhe no olhar aéreo a tranquilidade duvidosa de uma decisão fatal. Alma sem paz e sem carinho, o pobre Teodoro sofria na solidão do abandono. Não divisava no deserto a sombra acolhedora de um oásis. Sem problema, perdia-se no fundo agitado de seu caos existencial. Descobria-lhe a angústia, mais por intuição de semelhança do que por confissão de intimidade. Fechara-se.

Sobre a antiga idade média da personalidade de Teodoro levantava-se ainda confusa, ainda dividida, ainda desintegrada, a desconformidade desesperadora de sua idade moderna.

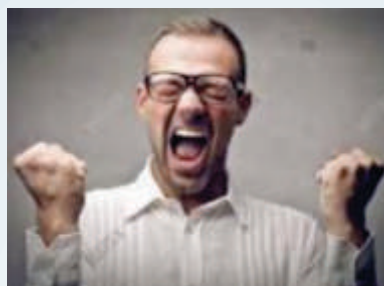
A alegria não era mais para ele que a explosão vulcânica de suas repressões. A gargalhada escondia-lhe lá por dentro as contradições, o desânimo que o sufocava. Uma festa conseguia sempre esconder-lhe as mágoas. E foi num baile da Pedagogia que

avistei o meu Teodoro pela última vez. Aí então meu amigo vivia claramente na contradição. Apareceu bem humorado. Corria de lá para cá. E toda rodinha que o cercava ria gostosamente quando uma colega lhe adivinhava a vida na leitura da mão. O pensamento da menina arrancava ao passado arcanos inesperados. A grande gargalhada de Teodoro foi quando a doce pitonisa, segurando-lhe delicadamente a mão, previa que com a próxima namorada se casaria. Teodoro então não namorava.

- "Ah, ah, ah, ah, ah! Então casar-me-ei com a próxima, e serei feliz na minha vida?! Ah, ah, ah, ah, ah!"

Até eu me ri desbragadamente.

Meu amigo Teodoro não apareceu mais à Faculdade depois daquela noite. Enforcou-se. Ninguém acreditava. Todos duvidavam. Eu compreendi.



(*) Letterio Santoro, 77 (55/59) Membro da APEG (Associação de Poetas e Escritores de Garça); autor dos livros CONTOS DE AMOR E OUTROS CONTOS, AMOR PLURAL, ANTOLOGIA POÉTICA, O EU HERÓI, MOMENTOS (poemas da infância e de adolescência), POEMAS PARA O MEU POVO, CRÔNICA DO CIDADÃO... Reside em Garça/SP letterios@hotmail.com

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

A Alegria do Amor à Literatura (2)

Joaquim Benedicto de Oliveira *

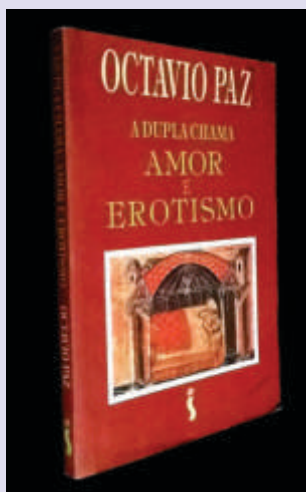


No Capítulo IV da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, cujo título é **O Amor no Matrimônio**, o Papa Francisco discorre sobre as características do amor. Ao desenvolver suas ideias sobre esse tema, no item Amabilidade, cita outro poeta, agora o mexicano **Octávio Paz**, para quem fazer poesia é "atravessar a fronteira na qual sentir e pensar se fundem". Francisco aponta a cortesia, interpretada pelo poeta como "uma escola de sensibilidade e altruísmo", na qual se convida o amor a que "cultive a sua mente e os seus sentidos, aprenda a ouvir, a falar e, em certos momentos, a calar".

A citação feita pelo Papa está no livro **A Dupla Chama - Amor e Erotismo**, escrito em 1993 pelo autor mexicano, precisamente no capítulo 2, intitulado **Eros e Psiquê**. Trata-se de uma referência a um estágio de aprendizado do amor, e, para Francisco, "Amar é também tornar-se amável". A ideia de cortesia é abordada por **Octávio Paz** quando explica a importância do período poético denominado do amor cortês, que é "um saber dos sentidos iluminados pela luz da alma, uma atração sensual refinada pela cortesia". Está aqui a explicação do que é a poesia como ultrapassagem da fusão de sentir e pensar. Por analogia, amar é poetar. É ir além dos sentidos e pensamentos quando, só então, é possível alcançar o auge da vivência da dupla chama da vida.

Assim, outra vez ficamos abismados com a referência do Papa a um poeta e ainda por sua utilização de um livro que é uma verdadeira história do amor humano. E, para maior surpresa nossa, quem é chamado para reforçar o argumento papal? Ninguém menos que Santo Tomás de Aquino, que amplia, do particular para o geral, a comprovação do raciocínio: *"todo ser humano está obrigado a ser afável com aqueles que o rodeiam"*.

Octávio, o poeta, afirma convictamente que "a poesia, a festa e o amor são formas de comunicação concreta, quero dizer, de comunhão". A poesia como o amor têm linguagem própria já que ambas se tornam uma "atração por uma alma e um corpo, não uma ideia; uma pessoa". A poesia e o amor são duas tentativas de "fazer do instante uma eternidade". A poesia gera vínculos como o amor. Por isso, Francisco, o Pastor, insiste que "o amor cultiva laços, cria novas redes de integração".



Octávio Paz

A alegria do amor à Literatura (3)

A terceira citação poética de Francisco na Exortação Apostólica sobre o amor na família, está no Capítulo V - **O Amor que se torna fecundo**, na parte *"Fecundidade Alargada"*. Dizendo que o amor sempre dá vida, o Papa amplia a fecundidade biológica, fazendo-a atingir aspectos mais amplos que chegam ao convívio social. O casal deve, então, *"adquirir consciência clara e convicta de seus deveres sociais"*. Quando isso acontece, não diminui o carinho que os une; antes, enche-se de nova luz, como está expresso nos seguintes versos:

"As tuas mãos são a minha carícia/o meu despertar diário/amo-te porque tuas mãos/trabalham pela justiça./Se te amo, é porque és/o meu amor, o meu cúmplice e tudo/e na rua, lado a lado,/somos muito mais que dois". Esta citação é do poeta uruguaio **Mário Benedetti**, (1920-2009) que viveu muito tempo na Argentina, e seu poema se intitula *"Te quiero"*, retirado do livro **Poemas de Outros**, de 1993.

Este livro de poemas é dividido em cinco partes: 1. "Trece Hombres que miran"; 2. "Los Personajes"; 3. "De Otros Diluvios"; 4. "Canciones de Amor y Desamor"; e 5. "Epílogos Mios". O poema *"Te Quiero"* está na quarta parte e tem, pelo menos, dois caminhos possíveis para ser lido. O primeiro é comumente associado ao modo romântico de expressão. Assim, podemos achar que o eu poético escreve para sua amada, demonstrando-lhe reconhecimento por tudo o que ela representa em sua vida amorosa: troca de carinho, caminhar de mãos dadas, o prazer de ouvir a voz da amada e o sentimento de completude que ela lhe passa ao senti-la como amante, amiga, companheira e cúmplice, ou seja, tudo.

O segundo modo de ler, no entanto, amplia o primeiro de modo descomunal, adentrando intensamente o social. Poema escrito em tempos da ditadura no Uruguai, coincidindo com a do Brasil (1973), a escrita revela



Mário Benedetti

uma aparentemente invisível amada. Na verdade, o entendimento de analistas e leitores daquele período de trevas é o de que se trata do povo oprimido por totalitarismos vigentes em várias partes do mundo. Especialmente na América do Sul. Era um tempo de terror social que provocava medo de expressar ideias de mudança. Medo de ser detido, encarcerado e desaparecido. Assim, o amor que se faz presente no poema é aquele que revela sua felicidade por estar lado a lado com sua amada, mesmo com toda a repressão no país. Trata-se de um amor equilibrado entre duas pessoas: amor mútuo e feliz, abraçado a um compromisso ideológico e político. Parece, então, que o melhor do poema está não no desenvolvimento apenas verbal mas totalmente no desejo de ser concreto, real.

Mário Benedetti foi exilado por dez anos (1973-1983) e, nesse período, *"Te Quiero"* foi musicado por Alberto

Favero e gravado por Nacha Guevara, ambos artistas argentinos. A partir de então, foi cantado por trovadores e, de modo especial, por estudantes universitários que o transformaram em hino de luta. E, afinal de contas.

Por que Francisco cita este poema na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*?

O Papa cita este poema quando expõe o conceito alargado de família, ou seja, fala do casal que experimenta a força do amor tão intensamente que este o convida a "sara feridas dos abandonados", "estabelecer a cultura do encontro" e "lutar pela justiça". Para Francisco, parece que amar é ser missionário, cuidando de feridas, promovendo o encontro e lutando pela justiça.

E, afinal, o que a Literatura tem a ver com tudo isso? Enquanto o trabalho poético convida à humanização das práticas de relacionamento, longe da estéril denúncia ou da pretensão normativa, a poesia pode ajudar a compreensão de um novo caminho matrimonial. Por isso, o Papa Francisco emprega imagens poéticas capazes de apresentar o matrimônio mais como "um caminho dinâmico de crescimento e realização do que como um fardo a carregar a vida inteira", como diz o teólogo italiano Andrea Grillo. Eis, então, a Literatura usada como instrumento não apologético, mas como convite para descobrir na vida conjugal razões e motivos para se optar pelo matrimônio e pela família. Este é o esforço generoso pedido ao cristão pelo Papa Francisco.



(*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 79 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP
joka.oliveira@uol.com.br

Para-choque do Caminhão do Ubaté

Não cometas
o erro de viver
sem aventuras



AVISO IMPORTANTE

A NOSSA CAIXA POSTAL 71509 - CEP 05020-970 FOI CANCELADA.

ENVIAR A CORRESPONDÊNCIA PARA:
ECHUS DO IBATÉ
A/C WILSON MOSCA
RUA CAIOWAA, 1872 - APT. 34
01258-010-SÃO PAULO-SP

NA CASA DO PAI

·Faleceu no dia 28 de dezembro de 2009, aos 72 anos de idade, o ibateano AGOSTINHO PALO (50/51).

·Faleceu no dia 04 de junho de 2017, aos 77 anos de idade, o ibateano MAURI GABRIELLI (51). Foi vereador na cidade de Caieiras.

·Faleceu no dia 15 de junho o Sr.Manoel Pereira da Silva, pai do nosso colega Marcio Pereira da Silva (67/70)



Manoel Pereira & Marcio Pereira



Mauri Gabrielli & Esposa

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De Antonio Paulo da Costa Carvalho (59/63) - Mosca e companheiros e amigos. Agradeço os votos e felicitações a você e a todos os colegas de jornada, pois a vida sem amigos seria vazia e com vocês torna-se agradável, mais poética, com paisagens de lembranças de momentos inesquecíveis. Sou grato a Deus e a todos vocês, pois, olhando nesse espelho me percebo e conheço um pouco quem sou eu. Gratíssimo. Itapeverica da Serra-SP 28.06.2017 antonio.p.carvalho@terra.com.br

De Paulo Correia Correa (50/51) - Prezado Wilson e demais companheiros do Seminário de São Roque. Fico agradecido de coração pela lembrança de meus oitenta anos. Sempre tenho planejado ir nos encontros e até agora não foi possível por diversas razões. Este ano desejava ir mas com problemas de saúde e dificuldades de locomoção mais uma vez vai ficar na vontade. Sempre aguardo com ansiedade cada novo número do ECHUS e me sinto emocionado e saudoso em cada notícia, cada reportagem. Da minha turma (50/51) creio que sou um dos poucos remanescentes. Espero que ainda seja possível minha ida este ano e reencontrar os remanescentes daquela época e conhecer os que vieram depois, especialmente os que fazem a união dos ex-seminaristas e mantêm acesa a chama da amizade que uniu este grupo diversificado. Saudações ibateanas. Curitiba-PR 10.07.2017 rosagraf@terra.com.br

De Paulo Ricardo Zuchelli (67) - Boa noite. Desculpe-me mas não poderei ir ao XIII Encontro, pois, estou a uma distância muito grande. Gostaria de estar com vocês. Entro em contato depois, um abraço a todos e que este encontro seja de grande valia e muita alegria aos participantes, pois sei que é com muito amor, fraternidade e união que fazem. AMOR MAIOR PELO NOSSO ""SENHOR"" , porque sem ele não somos nada. Obrigado por vocês existirem. Colniza-MT 19.07.2017 lfzuchelli@bol.com.br



Cláudio Giordano é ex-aluno do Ibaté, lá esteve entre 1951 e 1957. Contava com 11 anos de idade quando foi admitido e não demorou muito para que se revelasse não um leitor comum, mas verdadeiramente um grande devorador de livros, isso mesmo, talvez o maior deles dentre todos os alunos que por lá passaram. Já fez de tudo nessa vida e para saber um pouco mais a seu respeito, veja os artigos a ele referidos nos Echus de números 05, 31, 43, 63 e 80 e tantas outros em que se discorre um pouco sobre suas várias atividades: é escritor, tradutor e editor. Fundador e diretor presidente da Oficina do Livro 'Rubens Borba de Moraes', durante seguidos anos, - associação em que se dedicou à reedição de preciosas raridades e também a manter vivas as obras de autores mundialmente pouco conhecidos - entusiasmou-se bastante com o convite que lhe fizemos para participar intensamente deste jornal através da contribuição de seus próprios escritos e para apresentar-nos outras obras de sua gigantesca coleção, importantes de serem divulgadas no meio cultural.

Valentim Magalhães (de nome completo Antônio Valentim da Costa Magalhães) nasceu no Rio de Janeiro em 1859 e faleceu na mesma cidade em 1903. Destacou-se como jornalista, mas publicou também poesia, romance, teatro, crítica. O texto reproduzido extraiu-se de Bric-à-brac. Rio de Janeiro, 1896. Exemplar existente no acervo da Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes

O bonde é personagem de viva presença em nossa literatura, até meados do século XX, dele falando com frequência, entre outros, Machado de Assis, Olavo Bilac, Amadeu Amaral, sendo que este publicou um livro intitulado *Memorial de um passageiro de Bonde*. Pela crônica ora reproduzida de Valentim, podem os leitores aquilatar o quanto não inspirava de sentimento humano esse veículo hoje alijado de nossos meios de transportes.

Cláudio Giordano



CENAS DE BONDE

Provavelmente, com exceção do autor, ninguém se lembra mais de que escrevi, há tempos, não há ainda um século, a Fisiologia do bonde. Tranqüilizem-se: não vou reeditar aquela calamidade, mas apenas registrar duas cenas observadas no interessante veículo.

O bonde é uma das mais abundantes fontes de observação. No bonde revelam-se mistérios e caracteres: apanham-se segredos e fisionomias, descobrem-se belezas íntimas, primores ocultos e consciências em delito; delicadezas de alma e vilanias de procedimento... Um observador, igualmente profundo e dissimulado, apreende muitíssimas coisas interessantes, copiosos apontamentos para estudos de costumes.

Ontem, num bondinho, surpreendi na formosa cabeça de uma das nossas admiradas formosuras... um cabelo branco! Estava ao meu lado e, ao contemplar-lhe o harmonioso perfil, entrevi o pérfido, alvejando, meio oculto na madeixazinha que contornava a orelha, caindo-lhe sobre a têmpora. Livre-me Deus que ela venha a sabê-lo: suicidar-se-ia, a vaidosa, que sonha a vida uma primavera eterna!

Há dias assisti a duas cenas que me magoaram. Pequenas maldades... de bonde, já tão triviais que

passam despercebidas.

Em um dos bancos ia sentado um velho. Era um magistrado: conhecia-o. Subiu para esse banco uma senhora, visivelmente muito pobre, com um filho de cerca de cinco anos.

Sentou-se ao lado do velho e pôs o pequeno, em pé, na frente dela. Mas o pequeno, coitado!, queria sentar-se; a mãe repreendeu-o, forçando-o a conservar-se de pé. Então o velho pegou da criança, carinhoso, e sentou-a entre ele e a pobre mulher. Momentos depois acudiu o condutor para receber a passagem da criança, pois a mãe já tinha pago a sua. Então o velho juiz pediu-lhe com muito bons modos: —Deixe a criança ir sentada...



Valentim Magalhães

—Não posso. As crianças, sentando, pagam passagem — respondeu autoritariamente o condutor.
O menino olhava para o velho suplicemente; e ele, desesperançado da piedade do condutor... — ...tirou um níquel do bolso e pagou a passagem do menino.
Qual! amigo leitor. Pegou nele e pô-lo de pé, na frente da pobre mulher, em cujo olhar poderia ler o austero juiz, se não fosse tão míope, esta queixa magoada:
—Para que deu ao meu pobre filho a esperança de um gozo, se não queria dar esse gozo?
A outra maldade foi um pouco mais grave.
Num bonde da Lapa, das seis da manhã, repleto de pessoas que iam ao banho de mar, ia uma velhinha cega que, quase ao fim da viagem, perguntou lastimosamente:
—Já estamos na rua dos Barbonos?
O condutor respondeu brutalmente que sim. O cocheiro travou o carro com mau humor. E a velhinha:
—Ai de mim! quem me faz a caridade de me levar até à porta de minha casa? É tão pertinho!

—Desça — gritou o condutor.
—Mas eu sou cega, meu senhor!
—Pois quem é cego aluga um guia, respondeu o cocheiro. Então um moço que estava ao lado dela, na ponta do banco, apeou-se e desceu a velha. Esta, sentindo-se na rua, agarrou-se à mão ansiosamente, chorando:
—Pois eu hei de ficar no meio da rua?
O moço desvencilhou a mão dos dedos crispados da velha, e subiu novamente para o banco, deixando-a sozinha, trêmula, tateante, no meio da rua. Houve então um passageiro que desceu em socorro da cega, mas quando chegou junto dela já duas senhoras, que iam no bonde e estavam no mesmo banco que ela, se tinham apeado e lhe davam o braço, uma de cada lado.
Sentirá ainda, por ventura, na mão, o tal moço, como um remorso, a sensação dos dedos magros e duros da infeliz ceguinha?
Duvido.

(1888)

"VA PENSIERO!!!"

20 DE JULHO DE 1947



Asdrubal Baruffaldi*

A Igreja de Santa Cecília em S.Paulo e seu saudoso pároco Monsenhor Luiz Gonzaga de Almeida acolhiam festivos o enorme público que reverenciaria a cerimônia de sagração do bispo recém nomeado por Pio XII como titular de Aricanda e Auxliar do Emmo.Cardeal Motta, Arcebispo Metropolitano de S.Paulo: **MONSENHOR ANTONIO MARIA ALVES DE SIQUEIRA**.

O Coral do Seminário Central do Ipiranga congregaría em sons toda a majestade do templo, engalanado de luzes, velas, flores e incenso e levando em ascensão o maravilhoso engenho colorido de Benedito Calixto.

"Ecce Sacerdos Magnus". E o cortejo dá início ao extenso cerimonial com a leitura da Bula Papal de sua nomeação, probatório de seu mandato apostólico.

Um extenso interrogatório o submete a rigoroso juramento ao que anuiu expressando-se em latim: "VOLO"=quero e "AMEN"=amém, assim seja.

Intercalou-se a Missa e uma comoção se apossou de todos quando o Consagrante exortou os fieis a orarem para que "Deus concedesse a abundância de sua graça ao Eleito" e o Coral

entoou a "LADAINHA DE TODOS OS SANTOS".

Foram-lhe entregues as insígnias, entre as quais:



Dom Antonio Maria Alves de Siqueira

• O "báculo do ônus Pastoral", a fim de que fosse piedosamente severo em corrigir os vícios, julgando sem cólera, levando suavemente os ânimos dos ouvintes à pratica das virtudes, sem omitir, na serenidade do espírito a repreensão severa.

• O "anel", símbolo da fidelidade com que inviolavelmente deveria guardar a esposa de Deus, que é a Igreja.

Seu juramento foi cumprido.

Ve-lo-íamos inaugurando o Seminário do Ibaté em janeiro de 1949, transpondo nele todas as benesses de sua espiritualidade, sabedoria, solicitude, paternidade, carinho, hombridade, tolerância.

Dignamente foi nosso pai, irmão, confessor e

tutor.

"IN FIDE ET LENITATE", foi "O BISPO", por excelência.

(*) Asdrubal Ângelo Baruffaldi, 85 (49/53), também foi aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é artista plástico, escritor e advogado. Reside em Ourinhos-SP asdrubal1932@gmail.com



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

PARÓQUIA DAS TROVAS

O porvir de nossa vida,
não há como se prever;
acontece, sem piedade,
o que tem que acontecer.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)

Sinto o peso da velhice,
de um futuro pequenino,
com saudades da arteirice
de meus tempos de menino.

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

No meu tempo de rapaz
imperava a cortesia
e o galã era capaz
de conquistar com poesia.

Alfredo Barbieri (49/53)

Quando a ave volta ao ninho
e ao filhote a fome acalma,
parece, com tal carinho,
que o passarinho tem alma.

Jaime Pina da Silveira (52/58)

Saboó, minha saudade,
sentinela do Ibaté,
ao revê-lo, na verdade,
como é bom, que bom que é!

Já se foi a idade embora
e meu sonho se acabou...
A esperança vive agora
na semente que ficou.

Se uma grávida ou uma dama
adentrava à condução
o cortês, sem buscar fama,
logo achava a solução.

Melhor ficasse eu silente,
que cortejá-la cantando.
Há serenatas que a gente
faria melhor calando.



AMIGO DO IBATÉ

Examine bem suas gavetas: quem sabe nelas você ainda encontre aquelas tão saudosas poesias, aqueles magníficos ensaios e contos, tantos sonetos e trovas e as tão queridas memórias ou crônicas, que você sempre pensou em publicar um dia.

Não hesite em enviá-las agora para o nosso Informativo.

O ECHUS DO IBATÉ nasceu exatamente para isso: para divulgar toda a sua criatividade e arte.

Colabore!!! Participe!!!



José Gomes Pinheiro
OAB/SP 36.636

Advocacia Cível e Criminal

Rua Tabatinguera, 140 - 12º Andar - Cj. 1215

São Paulo/SP (Próximo ao Metrô Sé)

E-mail: jgpinheiro@aasp.org.br

Tel: (11) 3115-2733

CASO EDIFICANTE

José Lui*



Multa por excesso de velocidade

Uma advogada andava em alta velocidade pela cidade com seu BMW quando foi parada pelo guarda:

- A Sra estava em excesso de velocidade, por favor, sua carta.
- Está vencida, respondeu a advogada.
- O documento do carro.
- O carro não é meu.
- A Sra por favor abra o porta-luvas.
- Não posso lá tem um revólver que usei para roubar este carro.

O Guarda já bastante preocupado continua:

- Abra o porta-malas.
 - Nem pensar, respondeu a advogada. No porta-malas está o corpo do dono deste carro que eu matei no assalto.
- O guarda vendo-se diante de tais circunstâncias, resolveu chamar o Sargento.

Chegando ao local o Sargento dirige-se à advogada dizendo:

- Carta de condução e documento do carro por favor.
- Está aqui Sr., como vê o carro está no meu nome e a carta está regularizada.
- Abra o porta-luvas, pede o Sargento.

A advogada com toda a tranquilidade abre o porta-luvas onde existem apenas alguns papeis.

- Abra o porta-malas.
- Certo responde a advogada, como o Sr. pode ver, está vazio.

O Sargento muito constrangido diz:

- Deve haver aqui algum equívoco, o meu subordinado me disse que a Sra. não tinha carta, que não era dona do carro pois o tinha roubado, com um revólver que estava no porta-luvas, de um homem cujo corpo estava no porta-malas.

Ao que a advogada respondeu prontamente:

- Só falta agora esse mentiroso dizer que eu estava em excesso de velocidade!!!!

(*) José Lui, 79 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 rubrolui@hotmail.com

Photantiqua



Uma tarde ensolarada de 1966

01. José Pedro de Camargo de Souza (linguiça/xixa) - 02. Carlos César Henriques† - 03. Acácio Fechio (zezo) - 04. Rovirso Aparecido Boldo - 05. Mário Piva - 06. Bernardo Mendes Pires (pirão) - 07. Cláudio Romano Piazzon - 08. Bartolomeu Colacique - 09. Adalberto Martins - 10. Djalma Augusto de Medeiros - 11. Antônio Carlos Correa (careca) - 12. Valter Galhardo - 13. Luciano Pereira Monteiro (locutor/radialista)†

Foto do acervo de Carlos José Vila Maior.

DIALÉTICA



Luiz Loureiro*

-Meu bem, hoje é...
-É o quê?!
-Não, é que...
-Tá vendo? Logo cedo já vem com um não! Você é muito negativa.
-Eu só queria...
-Querida ou ainda quer? Essa sua insegurança é irritante!
-Nossa Senhora! Eu...
-E agora, vai falar de religião?
-Desculpe, é que...
-Viu só? Você é muito insegura mesmo. Sempre pedindo desculpas.
-Tá bom, tá bom, não falo mais.
-Aí, ó, vai dar uma de conformada? Tem que se impor, dizer o que tem que dizer.
-Sabe o que é?
-Como é que eu vou saber se você não fala?
-É que eu queria...
-Já sei, já sei. Vai querer grana, né?
-Bem...
-Eu sabia, eu sabia. Você não para de gastar. Eu me arrependendo de trabalhar e você não tem a menor consideração!
-Nada disso! Eu...
-Pronto! Lá vem lamentação.
-Bom, é melhor eu parar por aqui.
-Tá vendo? Tá vendo? Você nem é capaz de manter uma conversa

séria. Já vai logo desistindo.
-Eu não estou desistindo. Você é que...
-Eu o quê? O quê?
-Deixa pra lá.
-Viu? Viu só? Não dá pra conversar com você.
-Tá bom! Você fique sabendo que...
-Olha só! Agora vai querer me dar lição?!
-Eu não quero ensinar nada. Eu só quero...
-Você não tem que querer nada mesmo! Você tem é que me deixar em paz, isso sim!
-Tá bom, tá bom.
-Ó-i-ó! Já vai bancar a vítima!
-Nada disso. Você não percebe que...
-E por acaso eu tenho bola de cristal?
-Não, mas, pelo menos, você poderia...
-Eu não posso nada, e vê se desembucha logo que eu tenho quer ir trabalhar!
-Feliz aniversário...



(*) Luiz Norberto Colazzi Loureiro, 68 (62/63) formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Graduado em Marketing pela FGV-SP, ex-prefeito de Paraibuna-SP, atualmente dedica-se às letras, quando não está cozinhando. loureiroefabiana@gmail.com

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.07.2017	
POSICÃO EM 31.05.2017	19.036,16
ENTRADAS	
Contribuições e doações	4.971,25
Inscrições XIII Encontro	2.373,00
Camisetas	1.200,00
Juros	118,74
TOTAL ENTRADAS	8.662,99
SAÍDAS	
Diagramação Echus 149	560,00
Desp. Correios	36,50
Camisetas	1.508,80
Antecipação Seminário	600,00
Despesas Bancárias	72,15
TOTAL SAÍDAS	2.777,45
SALDO ATUAL 31.07.2017	24.921,70
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.06.2017 a 31.07.2017, dos seguintes colegas: Alberto Alonso Casemiro, Alberto Pimenta Junior, Alfredo Barbieri, Antonio Carlos Correa, Antonio da Aparecida Simões Cucio, Antonio de Lima, Antonio Martini, Antonio Pinto Ramalho Junior, Asdrubal Baruffaldi, Attilio Brunacci, Darcy Cargnelutti, David de Moraes, Fausto Guimarães Fortes, Francisco Fierro, Irineu Xavier Cotrim, Isidoro da Silva Leite, João Aguiar, Joaquim Benedicto de Oliveira, José Carlos Bochini, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Gonçalves da Silva Filho, José Justo da Silva, José Lui, José Luiz Mariano Gomide, José Moreira de Souza, José Novaes, José Paulo Bruna, Luiz Alberto Correa da Silva, Luiz João Corrar, Marcio Pereira da Silva, Roberto Delgado de Carvalho, Roberto Lui, Rocco Antonio Evangelista, Rogério Guimarães Fortes, Sergio Alexandre Fioravanti, Valter Cruz, Vicente de Paulo Moraes, Waldir da Silva Gomes, Wilson Cândido Cruz e Wilson Mosca. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Carlos Correa-Careca, Antonio Jurandy Amadi, Claudio Giordano, Jaime Pina da Silveira, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Letterio Santoro e Paulo Francisco Toschi.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

E-mail: echus@zipmail.com.br; echusdoibate@gmail.com
Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com
E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com
Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
Twitter Amigos do Ibaté: <http://twitter.com/echusdoibate>
Comunidade IBATEANOS no Facebook
Echus do Ibaté nas nuvens: links <http://177.103.223.197/Echusdoibate/>

Diagramação: Conexão Propaganda (11) 4063-9081

